



## DEBATE: O QUE É O ELITISMO NA CULTURA?

Tema inicialmente abordado em Novembro 2016 - [Resumo](#)

### **ÉVORA, Direcção Regional de Cultura do Alentejo - Casa da Rua de Burgos**

Convidadas: **Ana Isa Coelho**, Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central; **Carla Pomares**, Escola Ofício das Artes; **Isabel Bezelga**, Universidade de Évora; **Maria Ana Bernardo**, Universidade de Évora

**Moderadora:** Helena Rocha, Direcção Regional de Cultura do Alentejo

### **FARO, Club Fareense**

Convidados: **Eglantina Monteiro**, Antropóloga; **Joana Cabrita**, empresária na área cultural; **Paulo Cunha**, Professor e Músico; **Paulo Pires**, Programador Cultural

**Moderadora:** Adriana Nogueira, Professora Universitária

### **LISBOA, Museu do Dinheiro**

Convidados: **Francisco Frazão**, Programador de Teatro; **Maria João Guardão**, Jornalista e Realizadora; **Marta Miranda**, Cantora e Produtora de conteúdos em artes performativas

**Moderadora:** Maria Vlachou, Gestão e Comunicação Cultural

Nota: haverá tradução em Língua Gestual Portuguesa, com o apoio da Escola Superior de Educação de Setúbal

### **PORTO, Museu Nacional Soares dos Reis**

Convidados: **Diogo Sottomayor**, Estudante na Licenciatura de Teatro; **João Arezes**, Assessor e Divulgador Cultural; **Maria José Santos**, Directora do Museu Municipal de Penafiel; **Samuel Guimarães**, ESMAE e Museu do Douro

**Moderadora:** Cecília Amorim, Museu dos Transportes e Comunicações

Nota: Haverá tradução em Língua Gestual Portuguesa, uma parceria com a Associação Laredo (Cláudia Braga)

### **Resumo**

Foram feitas referências a algumas entrevistas e crónicas que tocam no tema (p.e.: João Magueijo e o elitismo face à comunidade emigrante, José Luís Peixoto e o texto *Luta de Classes*, John Berger) e onde os autores se posicionam contra o elitismo cultural.

A *elite cultural* foi definida de várias maneiras: a elite conhecedora e de “qualidade” vs. a elite de fachada movida pelo prestígio e poder económico; as elites do centro vs. as elites da periferia. Foram apontadas várias constelações na esfera do elitismo (os *opinion-makers*, os críticos (de arte), os curadores, os programadores culturais). Considerou-se que as elites existem porque “alguém” lhes dá esse poder.

Referiu-se que as elites revelam o que somos enquanto país. As elites intelectuais em Portugal não vão a espectáculos, os seus membros estão muito concentrados nos seus campos e acusam de subsidio-dependência tudo o que não faz parte do mundo deles.

Chamou-se a atenção para uma certa confusão entre “elites” e “movimentos de vanguarda”. Também não se deve confundir o elitismo com o que tem mediatização. Há ainda uma diferença entre “elite cultural” e “elite” e outra diferença entre “elitismo” e “democratização da cultura”.



As elites em Portugal têm que ter noção do espaço público. Devem ser um sismógrafo do que aí vem.

Reconheceu-se o 'desconforto' de certo público em determinados eventos culturais, como estreias de espetáculos ou inaugurações de exposições. Parecem existir certos códigos de conduta que nem todos dominam e que podem excluir. É importante perceber o porquê da distância da população aos espaços culturais e o porquê desse elitismo formal provocar desconforto e ausência de novas pessoas, público. Referiu-se ainda o perigo da ditadura do gosto.

Falou-se da fragilidade das elites e do seu papel, no sentido de poderem usá-lo em situações que assim o exigem, como aconteceu durante vários anos na cidade do Porto, em que as elites não se posicionaram.

Abordou-se a questão da educação e dos hábitos culturais na continuidade da educação artística, na abertura de espaços culturais ditos 'clássicos' a várias formas artísticas e a todos os públicos, numa tentativa das elites assumirem o seu papel de "mediador", de se criar massa crítica e de se construir uma sociedade mais democrática a nível cultural. Questionou-se se a oferta cultural na periferia (nomeadamente os museus) é oferta de qualidade. Talvez o elitismo seja importante porque também tem o papel de agir enquanto "Libertador de consciências" – fomentar: saber, conhecimento, percursos e movimentos. Acrescentou-se que talvez alguns movimentos elitistas sejam importantes porque a mediação também é feita por esses: "dar às pessoas o que querem e também aquilo que não sabem que existe". Destacou-se a importância de procurar a diversidade e de trabalhar com o maior número de minorias possível.

Discutiu-se o "hermetismo" de certas práticas culturais e de determinadas áreas da cultura que fomentam o elitismo, no seu sentido de "grupo à parte" ou detentor de alguns poderes e com informação privilegiada. Ao mesmo tempo, defendeu-se o direito das artes serem difíceis, de exigirem uma experiência prévia.

Referiu-se ainda a importância de criar acesso à informação. Falou-se de materiais de divulgação que só podem ser entendidos por quem sabem. Falou-se comunicação elitista e de design elitista, que não procura facilitar o acesso, mas sim comunicar apenas com os entendidos.

Falou-se dos espetáculos de revista no período da ditadura, onde era preciso fazer um trabalho de mestre para evitar a censura e onde o público tinha que ser tão inteligente quanto os artistas.

### **Resumo enviado por Ana Isa Coelho, convidada em Évora:**

Penso ser importante contrariar uma visão negativa de "elite" que a associa a minorias ou a intelectuais, opondo-lhe uma visão positiva que a relaciona antes com a erudição, com o ecletismo, **com o saber** e com a cultura. E nesta perspectiva trata-se de estimular relações com quem sabe mais do que nós, estimular o saber (quase como programa em si mesmo), assente na informação (e na capacidade de a selecionar) e no conhecimento.



**As elites culturais ligam-se assim fundamentalmente a um cruzamento dos valores e do saber** e por isso mais com a formação e **educação** (no sentido genérico do termo) e com a valorização de princípios humanistas.

Não se devem confundir as elites culturais com as elites sociais, económicas, financeiras. Estas relacionam-se com lógicas de poder, de luta de classes ou de perpetuação de lógicas de mercado, que em nada incentivam a produção do saber, o questionamento ou a crítica e em nada incentivam a busca da felicidade possível para cada um, num território que é diversificado. Antes tendem a criar uma padronização nos comportamentos, nos hábitos e no pensamento.

**As elites culturais são transversais e não pressupõem um ponto de partida comum** e por isso a democracia, na medida em que é um sistema que possibilita (ou deve possibilitar) a constatação das diferenças é o sistema ideal para esta busca de felicidade possível.

Ora este “saber mais”, traduz uma educação fundada no cruzamento de valores e nesta base torna possível sonhar, querer ou criar perspectivas de futuros diferentes ou alternativas aos modelos vigentes, impostos pela dominante económica e financeira. O pensamento da alternativa, que hoje, a meu ver, se impõe, pode e deve assim assentar num querer saber mais. E é aqui que devemos valorizar a importância das elites culturais.

**Coloco assim a tónica na educação, na sua plenitude**, no processo de ensino e de aprendizagem, de transmissão de saber, de uma forma genérica. E este implica modos de comunicação estruturados e ajustados aos destinatários, sejam alunos, sejam públicos ou meros cidadãos. A arrogância de quem comunica dá, a meu ver, um sentido negativo que não é inerente à ideia de elite cultural. Porque assenta em contrapontos de superioridade/inferioridade; sapiência/ignorância e não de diversidade e relatividade dos contextos. Intimida e diminui em vez de estimular e educar.

**As políticas de ensino devem estimular esta produção de conhecimento e o desenvolvimento de cidadãos pensantes, críticos e livres.** A Universidade, por exemplo, deve assumir que a sua relação com as necessidades do mercado não passa apenas pelos interesses das organizações. É vocação da Universidade introduzir nesta equação uma função crítica que interroge e potencie o mercado como dimensão social e não apenas na produção de mais valias económicas e financeiras. Caso contrário, o espaço para o tal pensamento da alternativa fica assim minado à nascença.

Da mesma forma, **não compete às autarquias organizar a sua programação cultural em função de padrões relacionados com o consumo (e portanto com expectativas de retorno financeiro), com as modas ou com mediatismos.**

A dimensão de serviço público na produção cultural deve ser salvaguardada. Isso passa essencialmente pela formação escolar mas não dispensa o investimento e a programação a nível autárquico.

Como ouvi por parte da Susana Gomes da Silva (serviço educativo da Gulbenkian), **“programar não é mais do que decidir espaços de escolha”** defendendo neste contexto que um programador cultural deve ser essencialmente um mediador, trabalhando nos espaços *entre*, entre a instituição e o público, entre os objectos e as ideias, entre as diferentes pessoas, entre o material e o imaterial, etc. **Parece-me que uma autarquia deverá assumir este papel, de mediação, possibilitando a existência dos tais espaços de escolha**, fugindo à tendência de seleccionar apenas o que é fácil e imediato, o que gera retorno financeiro ou o que as massas querem. Dificilmente se gosta do que não se conhece ou sente.



Trata-se enfim de **otimizar o caminho entre os diversos níveis: informação, comunicação e saber**, sabendo que as elites culturais podem ser um ponto de partida, mas nunca um lugar de chegada.”